



LILIANA ISABELA BENITEZ OVIEDO


**ASPECTOS DO BILINGUISMO PORTUGUÊS-ESPAANHOL-GUARANI NAS
COMUNIDADES DE CHAPECÓ (SC) E SÃO FRANCISCO GLEBA 8 NO
PARAGUAI.**


Trabalho de conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

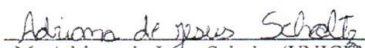
Orientador prof. Dr. Marcelo Jacó Krug

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 28/03/2018

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug (UFFS)


Prof. Dra. Cristiane Horst (UFFS)


Prof. Me Adriana de Jesus Scholtz (UNICENTRO)

ASPECTOS DO BILINGUISTO PORTUGUÊS-ESPAANHOL-GUARANI NAS COMUNIDADES DE CHAPECÓ (SC) E SÃO FRANCISCO GLEBA 8 NO PARAGUAI¹

LILIANA ISABELA BENITEZ OVIEDO²

Resumo

O presente artigo tem como principal objetivo descrever os aspectos do bilinguismo entre o português, o espanhol e o guarani nas localidades de Chapecó-Santa Catarina e no distrito de São Francisco Gleba 8 no Paraguai. Para a coleta de dados e análise dos resultados utilizou-se a teoria e metodologia da dialetologia pluridimensional e relacional de Thun (1996; 2010). Neste sentido, o motivo da escolha dos pontos de pesquisa deu-se pelo interesse em estudar como as línguas portuguesa, espanhola e guarani se relacionam nessas comunidades com as respectivas línguas oficiais. A amostra da pesquisa foi composta por oito entrevistados de cada localidade, totalizando dezesseis informantes no total. Dentre esses, dois informantes possuíam mais de 55 anos com escolaridade de nível superior; outros dois com mais de 55 anos com escolaridade até o ensino médio. Foram ainda entrevistados dois informantes com idade entre 18 e 36 anos com nível superior e outros dois nessa mesma faixa etária com até ensino médio completo. Vale ressaltar que cada dupla entrevistada foi composta por um homem e uma mulher. Para a escolha dos entrevistados foram utilizados dois requisitos: que fossem pessoas paraguaias e que utilizassem as três línguas (português, espanhol e guarani). Para a coleta dos dados da pesquisa foi aplicado um questionário pluridimensional e leitura de um texto nas três línguas. Os resultados apontam que os bilíngues utilizam mais o português-espanhol, deixando o guarani como terceira língua. Com estas informações pretendeu-se investigar mais de perto como bilinguismo se apresenta nessas regiões e quais os possíveis contextos, ou seja, com que função os informantes utilizam essas três línguas.

Palavras-chave: Bilinguismo. Línguas em Contato. Dialetologia Pluridimensional e Relacional.

1 Introdução

A presente pesquisa tem por objetivo descrever aspectos do bilinguismo de informantes que falam as línguas portuguesa, espanhola e guarani, nas localidades de Chapecó, Santa Catarina e no distrito de São Francisco Gleba 8, no município de São Alberto, no Paraguai. Partimos da hipótese que nessas duas localidades há indivíduos que falam variedades linguísticas adquiridas principalmente pelo contato ou por imersão no país como, por exemplo, paraguaios que vivem em Chapecó ou brasiguaios em São Francisco Gleba 8

¹Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug.

²Acadêmica da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó. Contato: lilibennitez@gmail.com.

que aprenderam o português com descendentes de brasileiros que imigraram para o país (Paraguai) em 1970.

A presente pesquisa está baseada nos princípios da teoria e metodologia da dialetologia pluridimensional e relacional para descrever os aspectos do bilinguismo dos pontos acima mencionados. A partir da dialetologia pluridimensional e relacional de Thun (1996, 2010) foi possível estudar alguns fenômenos linguísticos, como por exemplo, analisar as diferenças entre tipos de falantes, classes sociais e diferenças entre homens e mulheres que residem em pontos diferentes, mas convergem quando comparados e analisados os meios em que estão inseridos. Nesse sentido, para a obtenção dos dados e posterior análise dos resultados optamos na presente pesquisa por nos pautarmos nas seguintes dimensões:

a) Dimensão diatópica: nessa dimensão iremos analisar comparativamente o lugar ou a comunidade de fala, neste caso, as cidades de Chapecó e São Francisco Gleba 8;

b) Dimensão diastrática: nossa definição de classe social estará pautada na definição utilizada nos atlas linguísticos ALCF, ALMA e ADDU, ou seja, a classe social do informante como classe baixa (Cb) com formação até o ensino médio e classe alta (Ca) com ensino superior completo ou cursando;

c) Dimensão diageracional: faixa etária do informante, em que temos a primeira geração (GI) de 18 a 36 anos e segunda geração (GII) de 55 anos ou mais;

d) Dimensão diassexual: homem e mulher;

e) Dimensão diafásica: estilos diferenciados de coleta de dados (serão dois estilos: pergunta/resposta e leitura).

A partir da seleção das dimensões, temos os seguintes objetivos específicos que norteiam o presente artigo:

a) Descrever e analisar a fala dos informantes de Chapecó e de São Francisco Gleba 8 no Paraguai;

b) Analisar, a partir da dimensão diastrática, quem mais usa a variedade linguística não oficial do país;

c) Descrever, dentro da dimensão diageracional, se são os mais jovens ou os mais velhos que utilizam mais a variedade não oficial;

d) A partir da dimensão diassexual, verificar se são os homens ou as mulheres que mais usam a variedade oficial;

e) Analisar, a partir da dimensão diafásica, o domínio das variedades de cada grupo de informantes selecionados;

f) Relacionar os dados analisados em cada dimensão.

As hipóteses desenvolvidas conforme os objetivos específicos são:

a) Acredita-se que, a partir das análises, tanto os paraguaios quanto os chapecoenses falarão mais o português e em relação ao espanhol e guarani;

b) Pressupõe-se que a classe alta utilize mais a variedade não oficial do país;

c) Quanto à dimensão diasssexual, acredita-se que sejam os homens quem utilizem mais a variação oficial;

d) Quanto à dimensão diageracional, nossa hipótese é que os jovens falem mais a variedade não oficial;

e) No que diz respeito à dimensão diafásica, acredita-se que poucos conseguirão ler em guarani, mas presume-se que todos leiam em espanhol e português.

Para a coleta de dados foi aplicado um questionário pluridimensional e relacional vinculado ao *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira*. O número de informantes a serem entrevistados foram dezesseis no total, sendo oito em cada ponto de pesquisa.

2 Discussão Teórica

Neste capítulo iremos apontar para as principais concepções teóricas que norteiam o presente trabalho. De início, serão abordadas questões sobre o bilinguismo, partindo então para a teoria e metodologia da dialetologia pluridimensional e relacional.

Segundo Mackey (1972, p. 555), a partir do século XX, a concepção do termo bilinguismo tornou-se cada vez mais difícil de ser definida. Desse modo, determinar o que é bilinguismo parece ser algo muito simples, por exemplo, como Wolschick (2016) questiona: o que é o bilinguismo? Nessa perspectiva, a questão pode ser facilmente respondida como “uma pessoa que fala duas línguas”. Essa é a noção que a maioria dos indivíduos têm acerca do conceito bilinguismo, ou seja, partem do pressuposto que a pessoa deve ser capaz de falar perfeitamente bem os dois idiomas (WOLSCHICK, 2016).

Para entendermos melhor essa temática, de acordo com Michaelis (2008), bilinguismo corresponde como, “caráter de bilíngue e domínio de duas línguas tanto na fala quanto na escrita e leitura”, ou seja, a partir do conceito do dicionário, ser bilíngue implica necessariamente “o domínio de duas línguas”, ou melhor, saber dominar duas línguas de forma equivalente, tanto na fala quanto na escrita e na leitura. No entanto, Wolschick (2016) faz dois questionamentos acerca dessa equivalência: primeiro, se o indivíduo precisa dominar

as duas línguas de forma igual e segundo, qual o nível de conhecimento necessário em cada língua para que o indivíduo seja considerado um bilíngue.

Conforme citado anteriormente, o conceito de bilinguismo não é simples de ser definido. Muitos autores já discutiram essa temática e a estudaram sob diferentes olhares e perspectivas. Segundo McCleary (2007), a palavra bilinguismo leva o radical *bi* que traz a noção de “dois”, isso é, o uso de duas línguas ou mais. Inclusive, a mesma definição pode ser encontrada em Mackey (1972), que afirma que é necessário considerar o bilinguismo como uso alternativo de duas ou mais línguas pela mesma pessoa, diferentemente da percepção de Bloomfield (1933) que considera o bilinguismo como “o controle nativo de duas línguas” (BOOMFLEID, *apud* MACKEY, 1972, p. 555).

Wolschick (2016) também discorre sobre o termo bilinguismo que nos apresenta Macnamara (1967), que propõe uma visão diferente do conceito que encontramos no Dicionário Michaelis, ou seja, determina que um indivíduo bilíngue “é qualquer pessoa que possua uma competência mínima em apenas uma das quatro habilidades linguísticas (compreensão auditiva, fala, leitura e escrita) em qualquer outra língua que não seja a sua língua mãe” (MACNAMARA, *apud* WOLSCHICK, 2016, p.33).

Mackey (1972) afirma que uma pessoa se torna bilíngue de forma arbitrária, ou seja, que não segue princípios lógicos nem regras, por esse motivo é preciso considerar como algo totalmente relativo, que quer dizer uma relação com o outro, por isso ele define o bilinguismo como uso alternado de duas línguas. Outro ponto que Mackey (1972, p. 554) considera é que o “bilinguismo não é um fenômeno da linguagem, é uma característica do seu uso”³ que pode ocorrer dentro de uma comunidade linguística ou por um indivíduo que usa mais de uma língua. Vale ressaltar que há muitas comunidades que falam uma segunda língua, porém, muitas vezes, esta é caracterizada como inferior, de menor importância em relação à língua dominante.

A maioria dos brasileiros (exceto em algumas regiões) não sabe que muitas línguas são faladas no Brasil; a maioria só escuta português na rua, no rádio, na televisão. A maioria acha que no Brasil só se fala português, e que quem mora no Brasil "tem obrigação de aprender o português" (McCLEARY, 2007, p. 27).

Dessa maneira, de acordo com Mello, Altenhofen e Raso (2011), a história do Brasil após a chegada do homem branco é toda de contatos linguísticos, pois ao longo de seu descobrimento, ou seja, do território brasileiro, conviveram, comunicaram-se entre si e se

³ No original: Bilingualism not a phenomenon of language; it is a characteristic of its use (MACKEY, 1972, p. 554).

misturaram populações ameríndias, européias, africanas e asiáticas. Assim, “o próprio português do Brasil mudou em grande parte pelo contato de línguas diferentes” (MELLO; ALTENHOFEN; RASO, 2011, p. 13). Desse modo, podemos perceber que no Brasil, desde o seu descobrimento, as línguas já começaram a entrar em contato umas com as outras. Em decorrência desse contexto, McCleary (2007) afirma que o Brasil pode ser considerado um país bilíngue ou multilíngue, porém não oficialmente, diferente de alguns países como, por exemplo, Canadá e o Paraguai, que são países de bilinguismo social, ou seja, essas duas nações são oficialmente bilíngues.

O Canadá é um país que tem mais de 80 línguas, mas só duas línguas são oficiais: inglês e francês. No Paraguai, existem 20 línguas, mas só duas línguas são oficiais: guarani e espanhol. Mas vejam a diferença: no Paraguai, 50% da população é bilíngue em guarani e espanhol (McCLEARY, 2007, p. 28).

Assim, podemos evidenciar que, a partir das definições apresentadas, um indivíduo bilíngue é aquele que usa mais de uma língua para se comunicar, mesmo que de maneira mínima. Porém, existem graus de bilinguismo, ou seja, há graus de diferentes níveis para caracterizar um indivíduo bilíngue, como aborda Mackey (1972, p. 556) que ressalta que “o bilinguismo é um padrão comportamental de modificar práticas linguísticas mutuamente, variando em grau, função, alternância e interferência. É em termos dessas quatro características inerentes que o bilinguismo pode ser descrito”⁴. Desse modo, apresenta-se a seguir uma breve descrição das quatro características do bilinguismo.

A primeira característica se refere ao *grau*, essa competência que está ligada ao quão bilíngue um indivíduo é, ou seja, se “ele a usa somente para comunicação oral, ou ele também escreve e lê nessa língua, ou ele a entende, mas não a fala” (WOLSCHICK, 2016, p. 34). E para tomar conhecimento disso e determinar o quão bilíngue o falante é, é necessário testar suas habilidades linguísticas e isso inclui testes de compreensão e expressão, tanto na forma oral quanto na forma escrita (MACKEY, 1972). Portanto, o conhecimento de uma segunda língua não precisa ser equivalente a todos os níveis linguísticos, pois o indivíduo pode apresentar um nível de vocabulário muito amplo, e, no entanto mostrar dificuldades na pronúncia (WOLSCHINK, 2016).

A segunda característica está ligada à *função*, isto é, às situações em que o bilíngue utiliza a linguagem, bem como as condições e os meios em que as línguas são usadas, por

⁴No original: Bilingualism is a behavioural pattern of mutually modifying linguistic practices varying in degree, function, alternation, and interference. It is in terms of these four inherent characteristics that bilingualism may be described (MACKEY, 1972, p. 556).

exemplo, uma língua utilizada para se comunicar com a família, outra para o trabalho, ou seja, os diferentes contextos e situações em que uma determinada pessoa utiliza-se da fala (MACKEY, 1972). Dessa forma, em toda interação entre falantes, que de alguma maneira compartilham e reconhecem o mesmo par de línguas, é possível “[...] escolher suas variantes linguísticas, ou fazer opções estilísticas conforme a situação social, por meio oral ou escrito em um dos idiomas que domina” (MOZZILLO, 2009, p. 186). Nessa perspectiva, os indivíduos podem variar seu discurso, ou seja, fazer escolhas em uma das línguas durante a conversação.

Como terceira característica tem-se a *alternância*, a qual estuda com que frequência e prontidão o bilíngue faz alternância de uma língua para outra, porém “Em que condições a alternância de um idioma para outro leva [...] Quais são os fatores envolvidos? Os três principais fatores parecem ser tópicos, pessoa e tensão”⁵ (MACKEY, 1972, p. 568). Sendo assim, essa alternância implica três fatores: o tema sobre o que o indivíduo está falando, a pessoa com quem ele está conversando e a tensão no momento da fala (MACKEY, 1972).

A *interferência* é a quarta característica do bilinguismo e está elencada em como o bilíngue consegue manter as duas ou mais línguas separadas e até que ponto elas se juntam, ou seja, se no momento da fala ou da escrita ele utiliza-se de recursos pertencentes a outro idioma. Conforme Mackey (1972, p. 570) “no discurso dos bilíngues, o padrão e a quantidade de interferência não são iguais em todos os momentos e em todas as circunstâncias. A interferência pode variar com o meio, o estilo, o registro e o contexto que o bilíngue vai usar”⁶. Assim, a interferência pode variar de situação para situação.

3 Metodologia

A presente pesquisa tem como objetivo principal descrever o bilinguismo português-espanhol-guarani em Chapecó - SC, e São Francisco Gleba 8, no Paraguai, e para tal, utilizou-se como base o modelo pluridimensional e relacional de Thun (1996, 2010). Por meio da teoria e metodologia da dialetologia pluridimensional e relacional é possível comparar dados qualitativos baseados em cinco dimensões para atingirmos os objetivos propostos neste

⁵ No original: Under what conditions does alternation from one language to another take place? What are the factors involved? The three main factors seem to be topic, person, and tension (MACKEY, 1972, p. 568).

⁶ No original: In the speech of bilinguals the pattern and amount of interference is not the same at all times and under all circumstances. The interference may vary with the medium, the style, the register, and the context which the bilingual happens to be using (MACKEY, 1972, p. 570).

trabalho. As cinco dimensões a serem analisadas são: dimensão diatópica, dimensão diastrática, dimensão diafásica, dimensão diageracional e a dimensão diassexual.

A dimensão diatópica se refere à localidade, neste caso Chapecó e São Francisco Gleba 8. A dimensão diastrática se aplica à classe social que, para Thun (1996), se caracteriza pela escolaridade do informante, dividida em classe baixa (Cb) e classe alta (Ca). Nesse sentido, os informantes de Cb representam aqueles sem formação ou com formação até ensino médio e os informantes de Ca representam aqueles com ensino superior, completo ou cursando.

No que se refere à coleta de dados, quanto à dimensão diafásica, aplicaram-se dois estilos. Primeiro, um questionário utilizado pelo projeto *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira*, com adaptações necessárias de acordo com esta pesquisa, e o segundo estilo corresponde a uma leitura do texto “O casamento” nas três línguas⁷. É importante destacar que, para esmiuçar os resultados coletados, todas as entrevistas foram gravadas com o intuito de analisar com precisão as informações adquiridas ao longo da entrevista. Da mesma forma, Cardoso (2010) afirma que o melhor meio de documentar uma língua é registrar a conversa face a face.

Foi considerada também, a dimensão diageracional, que distingue entre uma geração mais nova e uma geração mais velha, ou seja, a geração mais nova inclui jovens de 18 a 36 anos como geração GI. Já a geração mais velha inclui idosos com 55 anos ou mais como geração GII. Assim, essa dimensão é relevante para observar as mudanças linguísticas de uma geração para outra.

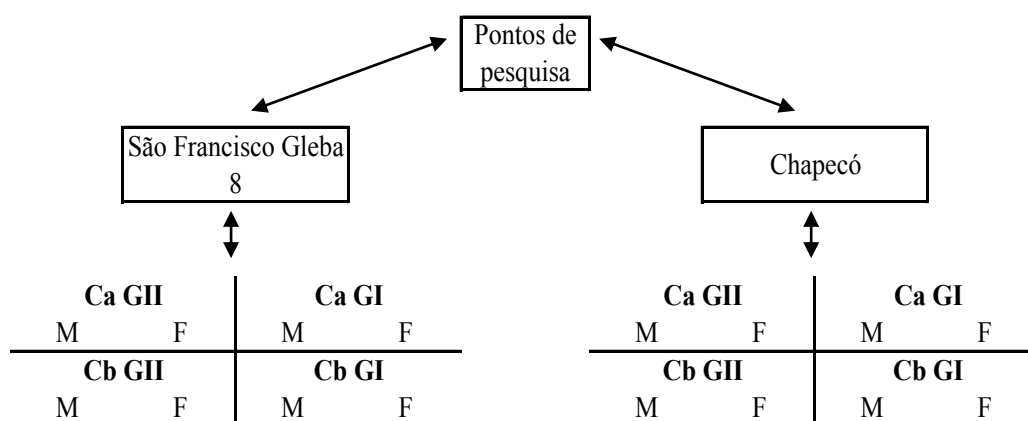
No que diz respeito à dimensão diassexual, os informantes foram divididos em homens e mulheres, pois assim foi possível fazer comparações de comportamentos linguísticos nos dois gêneros. Dessa forma, a amostra da pesquisa é caracterizada por dezesseis informantes, sendo eles quatro homens e quatro mulheres de cada localidade.

Para a coleta de dados, foram selecionadas as perguntas mais pertinentes que fazem parte do objetivo deste trabalho e ainda, para a aplicação do questionário nas duas localidades algumas questões foram adaptadas porque se encontram em situações diferentes. Foram elas: 2, 10, 12 e 13. A maioria das entrevistas foi realizada individualmente com tempo médio de duração entre 20 a 35 minutos cada, além disso, algumas entrevistas aconteceram em espanhol, pelo fato de alguns informantes conseguirem se expressar melhor nessa língua.

⁷As perguntas utilizadas nas entrevistas com os informantes encontram-se apêndice e também o texto na leitura em guarani, com intuito de mostrar como é a escrita dessa língua.

A escolha dos informantes foi feita conforme os critérios estabelecidos por Thun (1996, 2010) seguindo o seu modelo em cruz. Assim, temos oito informantes de cada localidade, totalizando dezesseis informantes no total. Dos oito informantes, tivemos quatro homens e quatro mulheres, assim cabe lembrar que cada dupla estava composta por um homem e uma mulher, por isso, teremos dois casais da Geração II (GII), sendo que um casal corresponde à classe baixa (Cb) e o outro casal corresponde à classe alta (Ca), da mesma forma, teremos dois casais da Geração I (GI), sendo que um casal corresponde à classe baixa (Cb) e o outro casal corresponde à classe alta (Ca). Na figura 1, podemos visualizar melhor essa escolha baseada na cruz de Thun (1996). Os requisitos usados na escolha dos informantes em São Francisco Gleba 8 foram pessoas paraguaias e que usassem as três línguas (português, espanhol e guarani). Já na escolha dos informantes em Chapecó também optamos que fossem paraguaios e que falassem duas ou três variedades linguísticas.

Figura 1 -Distribuição dos informantes nas localidades de Chapecó e São Francisco Gleba 8.



Fonte: Adaptado de Thun, 1996.

A figura 1 representa os informantes em cada localidade (São Francisco Gleba 8 e Chapecó) lembrando que é composto por um homem (masculino) e uma mulher (feminino)⁸, classificados como dimensão diageracional GI/GII (que classifica jovens e velhos) e dimensão diastrática Ca/Cb (que classifica a escolaridade).

4 Análise dos dados

⁸ Utilizaremos neste trabalho a nomenclatura de Masculino e Feminino ao invés de Homem e Mulher.

Nessa parte da pesquisa apresentaremos a análise dos dados obtidos nas entrevistas realizadas em Chapecó - SC e São Francisco Gleba 8, sob o enfoque da dialetologia pluridimensional e relacional de Thun (1996). Para tanto, partiremos a seguir com a descrição dos dados conforme as perguntas apresentadas no anexo. Cabe ressaltar que dos 16 informantes que fizeram parte desta pesquisa todos eram paraguaios, ou seja, pessoas que nasceram no Paraguai e falavam ativamente ou passivamente as três línguas (português, espanhol e o guarani), exceto por uma informante (CbGII F de Chapecó) que nasceu no Brasil, pois não encontramos uma informante que preenchesse esse perfil, ou seja, de ser paraguaia. Nesse sentido optamos por entrevistar ela, pois a mesma teve o contato com as três línguas, devido à entrevistada ter morado grande parte de sua vida no Paraguai e seus avós serem nativos de lá.

4.1 Questões de identidade e crenças linguísticas

A análise dos dados foi feita de acordo com as respostas dadas pelos informantes. No que concerne à pergunta 1 “Que línguas costuma falar na família? (Quantas vezes? Quando? Com quem?)”, obtivemos os seguintes resultados: dos oito informantes de São Francisco Gleba 8, quatro informantes falam o português na família pelo fato de terem descendência brasileira, ou seja, são filhos de imigrantes de Santa Catarina, Paraná e Minas Gerais. Cabe ressaltar que esses quatro informantes são jovens, ou seja, entre os 18-36 anos de idade e fazem parte da classe baixa e da classe alta (CaGI F, CaGI M, CbGIF e CbGI M). Somente a informante CaGI F, além de falar o português na família, também fala o espanhol em casa com o seu marido, por razão de ter se casado com um paraguaio. Os outros quatro informantes fazem parte do público mais velho, falam espanhol ou guarani e os mesmos são de descendência paraguaia (CaGII F, CaGII M, CbGII F e CbGII M). Aqui também encontramos a mesma situação comentada anteriormente, em que o informante CaGII M também fala o português em casa porque é casado com uma brasileira. Resumindo, temos quatro informantes da GI e um informante da GII que preferem falar o português em casa, enquanto que os outros falam mais espanhol e guarani.

Foi possível constatar também que os informantes de descendência brasileira preferem falar o português com seus familiares, já o espanhol ou guarani apenas é falado com pessoas paraguaias, como é possível notar no trecho abaixo:

Entrevistadora: Que línguas costuma falar na família? (Quantas vezes? Quando? Com quem?) **CbGI F (São Francisco Gleba 8):** Português, em casa sempre, com a família só falamos português. Falamos espanhol na escola, com paraguaios ou quando vai ajudar os filhos a fazer tarefa⁹.

Entrevistadora: Que línguas costuma falar na família? (Quantas vezes? Quando? Com quem?) **CaGIM (São Francisco Gleba 8):** Português, todo dia, espanhol bem pouco com os outros paraguaios [...] sou paraguaio, mas filho de imigrante, então o espanhol é bem pouco usado, mas a gente usa. O Português usa com a família e quem tiver por perto.

Com as informações mostradas acima podemos perceber que por mais que o espanhol seja a língua menos usada ou falada por esses informantes é possível reparar que eles têm o conhecimento da língua para poder comunicar com os paraguaios quando necessário. Já com os oito informantes de Chapecó em relação à pergunta 1, obtivemos os seguintes resultados: dois informantes CaGII M e CbGI M falam o guarani e o espanhol na família, já os informantes CaGII F e CaGI M falam somente o espanhol com seus familiares, e ambos são descendentes paraguaios. Como podemos ver nos trechos das entrevistas a seguir:

Entrevistadora: ¿Qué lenguas suele hablar en la familia? (Cuantas veces, con quien, cuando).

CbGI M (Chapecó): Guaraní y español todos los días.

CaGII F (Chapecó): Aquí en la familia, de mañana, al medio día, de noche [...]. Entonces yo hablo con ellos en castellano y con mi hermana también. Entonces, de mañana, al medio día, de tarde y muchas veces, claro, a la noche que siempre estoy en casa¹⁰.

Conforme os depoimentos acima, podemos perceber que os informantes de Chapecó mantêm a língua espanhola e o guarani para se comunicarem com a sua família. Já os outros quatro informantes falam o português com seus familiares (CaGI F, CbGI F, CbGII M e CbGII F), pois são casados com pessoas brasileiras. Assim, notamos que a classe baixa usa mais o português com seus familiares e a classe alta o espanhol.

No que se refere à pergunta “Como se sente, mais brasileiro ou mais paraguaio?” a tabela 1 mostra a síntese dos resultados em São Francisco Gleba 8 e em Chapecó.

Tabela 1- Síntese da questão 1 (b) respostas obtidas em São Francisco Gleba 8 e Chapecó.

Como se sente, mais brasileiro ou mais paraguaio?

⁹ **Trad.:** Tarea é uma palavra em língua espanhola que significa tarefa de casa ou tema de casa em português.

¹⁰ **Trad.:** **Entrevistadora:** Que línguas costuma falar na família? (Quantas vezes, com quem, quando) **CbGI M (Chapecó):** Guarani e espanhol todos os dias. **CaGII F (Chapecó):** Aqui na família, pela manhã, ao meio-dia, à noite [...]. Então eu falo com eles em espanhol e com minha irmã também. Então, de manhã, ao meio-dia, à tarde e muitas vezes, é claro, à noite que sempre estou em casa.

Paraguaio ●		Os dois ◐		Brasileiro ○			
São Francisco Gleba 8				Chapecó			
CaGII		CaGI		CaGII		CaGI	
M	F	M	F	M	F	M	F
●	●	●	●	●	●	●	○
CbGII		CbGI		CbGII		CbGI	
M	F	M	F	M	F	M	F
●	●	◐	●	◐	●	●	◐

Fonte: Dados da pesquisadora (2017).

Conforme ilustrado na tabela 1, na localidade de São Francisco Gleba 8, sete declararam-se mais paraguaios e apenas um informante afirmou ser os dois. Em Chapecó, quatro informantes declararam-se mais paraguaios, um mais brasileiro e dois se consideram paraguaio e brasileiro. Podemos visualizar isso melhor um relato no trecho abaixo:

Entrevistadora: Como se sente, mais brasileiro ou mais paraguaio?

CbGI F (Chapecó): Pouco de cada lado né, porque tenho meus filhos que são paraguaios e tenho meus filhos que são brasileiros.

Dessa forma, constatamos que os entrevistados na localidade de São Francisco Gleba 8 foram os que mais se declararam ser paraguaios, diferente de Chapecó que somente 4 disseram se sentir paraguaios.

De acordo com os dados coletados na pergunta 2 “Tem diferença entre o português do Brasil e o daqui? Qual é a diferença?” obtivemos as seguintes respostas: em São Francisco Gleba 8 todos os informantes afirmaram que existe diferença no português, no espanhol e no guarani. Assim, três informantes comentaram que a diferença entre português do Brasil e o português nessa região é pelo fato do português ser falado de maneira errada entre eles, outros também comentaram que a diferença está pela razão de misturarem algumas palavras com o espanhol. Desse modo, a maioria também confirmou que o espanhol falado nessa região é diferente do espanhol falado em outras localidades no Paraguai. Sua diferença se encontra principalmente no sotaque. Já sobre o guarani, os informantes também confirmaram que existem diferenças principalmente do guarani falado pelos indígenas.

Entrevistadora: ¿Hay diferencia entre el portugués de Brasil y el de aquí? (Recordar el español y el guaraní) ¿Cuál es la diferencia? **CaGII M (São Francisco Gleba 8):** Creo que dependiendo de la región del Brasil porque aquí también hay brasileños de todas las regiones y nos encontramos con brasileños que para mí es

mucho más fácil entender su portugués y con otros mucho más difíciles. [...]

Entrevistadora: Diferencia del español? **CaGII M:** La entonación del español principalmente, que del español que yo hablo la gente de Asunción utiliza otro tipo de sonido que sería el tono. **Entrevistadora:** Diferencia del guaraní? **CaGII M:** De manera general son casi iguales, resaltando un poco los guaireños, los guaireños usan una tonalidad diferente, le dan una tonalidad diferente al guaraní¹¹.

Entrevistadora: Tem diferença entre o português do Brasil e o daqui? (lembrar do espanhol e do guarani) Qual é a diferença? **CaGI M (São Francisco Gleba 8):** Tem, geralmente aqui o pessoal fala um português tudo errado, tipo eu, igual o meu.

Entrevistadora: Diferença do espanhol? **CaGI M:** Muda o sotaque.

Entrevistadora: Diferença do guarani? **CaGI M:** Guarani tem bastante sotaque também, tem o guarani indígena que é um guarani bem diferente [...].

Como já mencionado anteriormente, a questão 2 para os informantes de Chapecó foi elaborada de maneira diferente, sendo assim, ficou elaborada da seguinte forma: “Tem diferença entre o português do Paraguai e do daqui? Qual é a diferença?”. Dois informantes (CaGI F e CaGII M), afirmaram não ter diferença do português falado aqui (Brasil) e o português falado no Paraguai. Acreditamos que esses informantes tenham tido contato com pessoas que falam o português no Paraguai, e por essa razão acreditam não haver diferença. Os outros cinco informantes admitiram que há diferença entre o português daqui (Brasil) e o de lá (Paraguai). Apenas o informante CbGII M que nunca ouviu o português sendo falado no Paraguai. Em consideração às diferenças entre a língua espanhola e do guarani, todos afirmaram que há diferença, exceto CaGII M afirmou que não existe diferença no espanhol porque escutou muito pouco sendo falado aqui (Brasil) e o guarani nunca ouviu. Assim, presumimos que os indivíduos que expressaram que há diferença nas três línguas sendo faladas aqui (Chapecó) e faladas no Paraguai, tenham conhecimento dos dois pontos pesquisados, ou seja, que tenham escutado esses idiomas tanto aqui, quanto lá.

Tabela 2- Síntese das respostas em São Francisco Gleba 8 e em Chapecó sobre que língua gosta de conversar mais?

Que língua gosta de conversar mais?			
Português ●	As três línguas ◐	Guarani ◑	Espanhol ○
São Francisco Gleba 8		Chapecó	

¹¹ **Trad.: Entrevistadora:** Tem diferença entre o português do Brasil e o daqui? (Lembrar do espanhol e do guarani) Qual é a diferença? **CA GII M (São Francisco Gleba 8):** Acredito que dependendo da região do Brasil porque aqui também tem brasileiros de todas as regiões e nos encontramos com brasileiros que pra mim é muito mais fácil entender seu português e com os outros muito mais difícil [...]

Entrevistadora: Diferença do espanhol? **CaGII M:** A entonação do espanhol principalmente, que do espanhol que eu falo as pessoas de Assunção usa outro tipo de som, que seria o tom. **Entrevistadora:** Diferença do Guarani? **CaGII M:** De um modo geral são quase iguais, destacando um pouco os guairenhos, os guairenhos usam uma tonalidade diferente, dão uma tonalidade diferente ao guarani.

CaGII		CaGI		CaGII		CaGI	
M	F	M	F	M	F	M	F
○	◐	●	●	◐	◑	◐	●
CbGII		CbGI		CbGII		CbGI	
M	F	M	F	M	F	M	F
◐	◐	●	●	○	◐	●	●

Fonte: Dados da pesquisadora (2017).

Em São Francisco Gleba 8, os informantes que disseram que gostam de conversar em português fazem parte do grupo GI, tanto da classe alta e baixa (CaGI F, CaGI M, CbGI F, CbGI M) e os que falam guarani ou espanhol fazem parte do grupo GII, tanto classe alta e baixa (CaGII F, CaGII M, CbGII F, CbGII M). Isso demonstra que o português está em evidência entre os mais jovens e que possivelmente, seja a língua de prestígio, enquanto que o espanhol e o guarani estão perdendo força para o português. As respostas dos informantes em Chapecó, como podemos perceber a partir da tabela 2, variou muito. A informante CaGII F não sabia responder em que língua ela mais gostava de conversar, assim afirmou gostar das três línguas. A geração GI gosta de conversar mais em português (CaGI F, CbGI F, CbGI M), exceto pelo informante CaGI M que gosta de conversar mais em guarani e a geração GII gosta de conversar mais em guarani e espanhol (CaGII M, CbGII F, CbGII M). Se fizermos uma comparação das duas localidades somente com os informantes que fazem parte da geração GI, podemos perceber que a língua portuguesa se sobrepõe às demais línguas, ou seja, ela é a língua que o informante mais gosta de falar tanto no Paraguai, quanto no Brasil.

Em relação à pergunta “De modo geral, costuma falar mais a língua portuguesa, espanhola ou guarani?”. Todos os informantes de Chapecó falaram que costumam falar mais a língua portuguesa, pelo fato de estarem morando no Brasil, exceto pelo informante GaGI M que declarou falar mais o guarani. Podemos visualizar esse relato a seguir:

Entrevistadora: ¿En general, suele hablar más la lengua portuguesa, española o guaraní? **CaGII M (Chapecó):** Aquí estamos, hablamos más el portugués.
CbGII M (Chapecó): Hablo más portugués¹².

A mesma pergunta do parágrafo anterior foi feita para os informantes de São Francisco Gleba 8. Nossa hipótese era de que os informantes responderiam ser a língua espanhola, pelo fato de viverem no Paraguai, como aconteceu com os informantes de Chapecó, porém nossos dados apontaram ser também a língua portuguesa. Podemos visualizar esse relato a seguir:

¹² **Trad.: Entrevistadora:** De modo geral, costuma falar mais a língua portuguesa, espanhola ou guarani? **CaGII M (Chapecó):** Aquí estamos nós, falamos mais português. **CbGII M (Chapecó):** Eu falo mais português.

Entrevistadora: De modo geral, costuma falar mais a língua portuguesa, espanhola ou guarani?**CaGI F (São Francisco Gleba 8):**O português, aqui na nossa região mais português com todo mundo.

Entrevistadora: ¿En general, suele hablar más la lengua portuguesa, española o guaraní? **CbGII M (São Francisco Gleba 8):** Acá en Gebla 8, podemos hablar en portugués que hay mucho inmigrante brasileiro aquí, ahí tiene que hablar el portugués¹³.

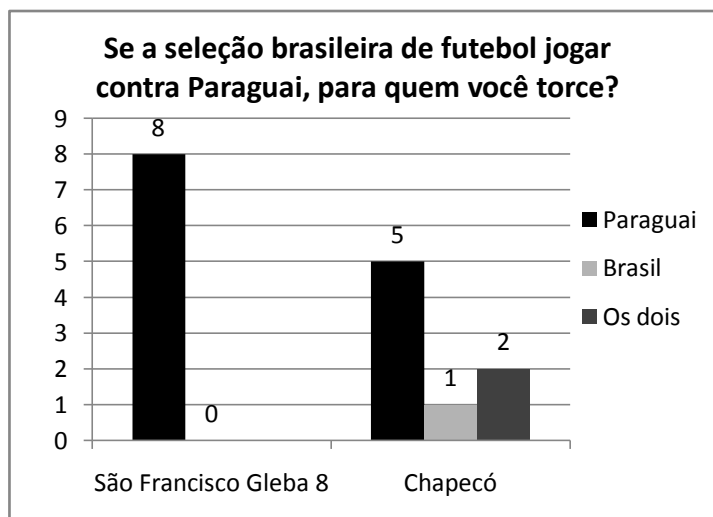
Ao serem questionados “O que acham das pessoas que só falam português e nunca o espanhol ou guarani?”. Os informantes de S F Gleba 8¹⁴ se pronunciaram de forma crítica referente a essa questão, por exemplo, a informante CaGII M afirmou que as pessoas que só falam o português “son personas ignorantes y muy racista, no usa su inteligencia o su sabiduría”, aqui podemos observar que nessa região existe uma certa preferência pela língua portuguesa deixando de lado o espanhol ou o guarani. Outros informantes afirmaram que essas pessoas estão de certa forma erradas e falam por fanatismo, pois acreditam que vivendo no Paraguai deveriam pelo menos saber falar o espanhol, como relata a informante CbGI F “quem mora aqui é necessário [...] nos lugares que a gente vai, só se fala o espanhol né, se você vai num banco, numa oficina de alguma coisa só se fala espanhol, então a gente tem que falar o espanhol. É necessário”. Aqui vemos a importância da língua espanhola nas situações que a informante comentou, pois nesses lugares com mais formalidade a língua espanhola é visível.

Em Chapecó em relação à pergunta do parágrafo anterior a classe baixa respondeu que deveria falar o espanhol ou guarani e não somente o português. Os informantes CaGII M e CaGI M responderam que as pessoas nunca falam o espanhol ou guarani pelo fato de estarem em um ambiente em que apenas a língua portuguesa é falada, desse modo acabam se adaptando ao lugar. Vejamos agora a próxima questão no gráfico 1.

Gráfico 1 – Síntese das respostas à pergunta sobre qual seleção de futebol você torce.

¹³ **Trad.: Entrevistadora:** De modo geral, costuma falar mais a língua portuguesa, espanhola ou guarani? **CbGII M (São Francisco Gleba 8):** Aqui na Gebla 8, podemos falar em português que há muitos imigrantes brasileiros aqui, aí tem que falar o português.

¹⁴ Adotaremos S F Gleba 8 como abreviatura de São Francisco Gleba 8.

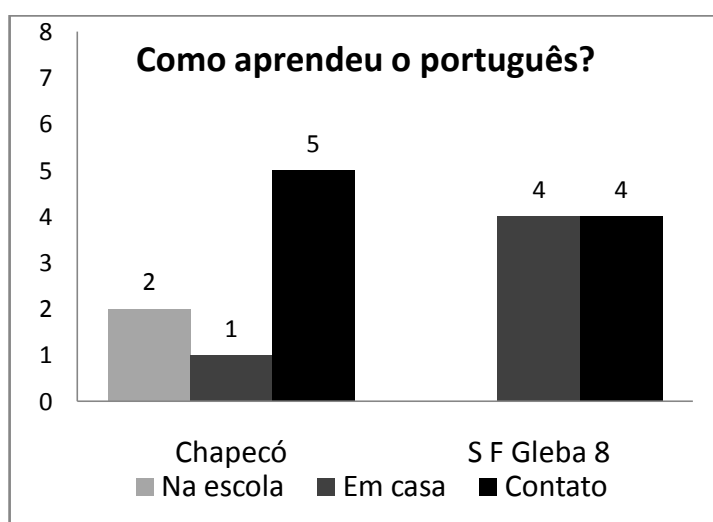


Fonte: Dados da pesquisadora (2017).

Vejam agora quem são esses informantes: em S F Gleba 8 todos torcem para o Paraguai, apesar de alguns terem descendência brasileira como já analisado na primeira questão do questionário. Em Chapecó, CaGI F disse torcer mais para o Brasil e dois (CaGII F e CbGII F) torcem tanto para o Brasil quanto para Paraguai, pois depende muito para onde o gol vai, se vai para o Brasil torce para o Brasil e se vai para o Paraguai torce para o Paraguai, ou seja, se sentem completamente divididos entre um e outro. Aqui novamente a dimensão diatópica se destaca mais, pois em S F Gleba 8, 100% dos informantes declaram torcer para o Paraguai e em Chapecó somente 62,5% falaram que torcem para o Paraguai.

A questão 7 é constituída por três perguntas em uma só, assim optamos separar por partes começando “como aprendeu o português?”. O gráfico 2 mostra o resumo das respostas.

Gráfico 2 - Síntese das respostas nas duas localidades: S F Gleba 8 e Chapecó



Fonte: Dados da pesquisadora (2017).

Analisamos quem são esses informantes. Em S F Gleba 8, os quatro informantes que aprenderam o português em casa foram: CaGI M, CaGI F, CbGI M e CbGI F e os quatro que aprenderam em contato com outras pessoas foram CaGII M, CaGII F, CbGII M e CbGII F. Em Chapecó, a informante que aprendeu português em casa foi CaGI F, os que aprenderam em contato com outras pessoas foram: CaGII M, CaGI M, CbGII M, CbGI M e GbGI F, e os que aprenderam na escola foram: CaGII M e GbGII M. Vejamos melhor a partir da cruz de Thun as respostas dos informantes.

Cruz 1 e 2 -Respostas à pergunta “como aprendeu o português” – S F Gleba 8

Cruz 1: Mulheres		Cruz 2: Homens	
CaGII	CaGI	CaGII	CaGI
Aquí con los brasileiros.	Em casa com meus pais.	Sufriendo un poquitito con los alumnos.	Do berço com o pai e a mãe.
CbGII	CbGI	CbGII	CbGI
Mediante lo inmigrante brasileiro que viene aquí.	O português em casa.	Mediante lo inmigrante brasileiro que viene aquí.	O português vem de casa que o pai e mãe falam.

Fonte: Dados da pesquisadora (2017)¹⁵.

Através da cruz 1 e 2 é possível perceber que todos os informantes de S F Gleba 8 tanto da Ca, quanto da Cb aprenderam o português de alguma forma, porém em situações e contextos diferentes. Como por exemplo, o informante CaGII M, que segundo seu relato é possível identificar que é um docente porque menciona “alunos”, que alega que foram os alunos que mais lhe ensinaram o português. Dessa maneira, temos a hipótese de que muitos alunos que estudam nessa escola ou instituição sabem falar o português e conseqüentemente o professor da sala é submetido a aprender a língua porque está em um ambiente em que os alunos se comunicam em português. O informante também afirmou que teve muitos problemas com isso e relata ter sofrido bastante porque em nenhum momento ele foi informado sobre brasileiros ou sobre o português ser falado nessa região.

Outro ponto observado é que nas duas cruzes as dimensões diastrática e diassexual não desempenham um papel muito importante, diferentemente da dimensão diageracional que apresenta uma relação entre GI e GII, em que o grupo jovem (GI) aprendeu o português em casa e o grupo mais velho (GII) aprendeu em contato. Ao analisarmos somente as respostas do

¹⁵ Trad.: Cruz 1- CaGII: Aqui com os brasileiros. CbGII: Através dos imigrantes brasileiros que vieram aqui. Cruz 2- CaGII: Sofrendo um pouquinho com os alunos. CbGII: Através dos imigrantes brasileiros que vieram aqui.

GII, fizemos a reflexão se esses informantes em algum momento também já sofreram ao aprenderem o português, se sim, em que situações, assim como relatou o informante CaGII M. Vejamos agora os resultados em Chapecó:

Cruz 3 e 4 - Respostas à pergunta “como aprendeu o português” – Chapecó

Cruz 3: Mulheres		Cruz 4: Homens	
CaGII Busqué una escuela que enseñaba portugués.	CaGI Com minha mãe.	CaGII Aprendí en medio de los brasileiros.	CaGI Saliendo de casa, cuando vine acá en Brasil.
CbGII Na escola.	CbGI Aqui sozinha no Brasil	CbGII Hablando, escuchando y ay fui aprendiendo.	CbGI Hablando.

Fonte: Dados da pesquisadora (2017)¹⁶.

A partir da cruz 3 e 4, podemos perceber que nem todos aprenderam em contato, como por exemplo as mulheres que aprenderam em outros contextos, como a informante CaGI F que afirmou que aprendeu com a mãe. Assim, supõe-se, que sua mãe seja brasileira, pois a informante tem descendência brasileira. Já a informante CaGII F falou que procurou um curso de português assim que chegou no Brasil porque não entendia e não falava o idioma, assim ficou três anos estudando e afirma, com muita certeza, que aprendeu muito bem, pois consegue falar e escrever perfeitamente. A informante CbGII F, conforme já citada na página 9 deste artigo, é uma informante brasileira que nasceu no Brasil e por esse motivo aprendeu o português na escola. Os homens aprenderam em contato com pessoas brasileiras, como mostram os relatos na cruz 4.

Continuando com a questão 9, vamos analisar “como aprendeu o espanhol e o guarani?”, começando com S F Gleba 8, aqueles informantes da geração II (GII) na cruz 1 e 2, todos aprenderam espanhol na escola e o guarani na família, assim vemos que a língua materna desses informantes é o guarani, como frisou um informante CaGII M que na sua terra o espanhol é usado como segunda língua porque a língua materna é exclusivamente o guarani. De acordo com a visão de Kallfell (2016, p. 39), “[...] dentro de la familia se habla guaraní, el español es predominante en la escuela, las oficinas y la iglesia”¹⁷. Todos os informantes da geração I (GI) na cruz 1 e 2, por sua vez, aprenderam o espanhol e o guarani na escola, pois

¹⁶ Trad.: Cruz 2- CaGII: Procurei uma escola que ensinava português. Cruz 4- CaGII: Aprendi através dos brasileiros. CbGII: Falando, escutando e assim fui aprendendo. CaGI: Saindo de casa quando vim para o Brasil. CbGI: Falando.

¹⁷ Trad.: Dentro da família se fala o guarani, já o espanhol é predominante na escola, nas oficinas e na igreja.

como já descrito na primeira etapa da pergunta, eles aprenderam português em casa com seus pais, assim fica evidente que a GI teve que aprender duas línguas e que nenhuma delas era sua língua materna.

Em Chapecó, em relação à pergunta “como aprendeu o espanhol e o guarani?”, todos os informantes da Ca (classe alta) na cruz 3 e 4 aprenderam o espanhol com seus familiares. Já o guarani, a informante CaGII F falou que aprendeu na rua, porque em casa seu pai foi proibido pela avó de falar o guarani com os filhos, pois era argentina. A informante CaGI F disse que não lembra ter aprendido o guarani e acreditamos que essa sua justificativa seja devido ao fato de que ela veio para o Brasil ainda criança e não se sabe se ela já frequentava a escola no Paraguai. Os outros dois informantes CaGII M e CaGI M aprenderam guarani com seus avôs, pais e familiares. Todos os informantes da Cb (classe baixa) na cruz 3 e 4 aprenderam o espanhol e o guarani na escola e também com seus familiares, exceto a informante CbGII F que aprendeu espanhol e o guarani quando morou no Paraguai, pois conforme já apresentado anteriormente, a língua que ela aprendeu na escola foi o português.

4.2 Identificação de padrões identitários

A seguir, será abordada a segunda parte do questionário que trata especificamente sobre identificação de padrões identitários, iniciando com o questionamento sobre como os informantes de S F Gleba 8 identificam um brasileiro. Eles acreditam que é pelo seu idioma, pela sua cultura e tradição, pela comida tradicional do feijão com arroz, pelo ritmo de trabalho e por sua paixão pela seleção brasileira. Agora vejamos como esses informantes identificam um paraguaio. Eles acreditam que é pelo seu modo de falar principalmente pela língua guarani, pelo seu jeito de ser, por seus costumes de tomar o tereré e jogar vôlei à tarde, pelo jeito de se vestir, pela cultura e também por adotar outras culturas mais facilmente, como afirma um informante (CaGII M), que quando escuta alguém falando português automaticamente adota a língua portuguesa para conversar, por isso realça muito que os brasileiros são muito mais fanáticos pela sua língua e cultura.

Em Chapecó os informantes identificam um brasileiro pelo seu jeito de falar que é um pouco diferente da capital, pois aqui no sul existe uma mistura de etnias entre gaúchos, alemães e italianos, pela cultura, pela espontaneidade, a língua, o futebol e também o costume de tomar o chimarrão frequentemente. Agora vejamos como esses informantes identificam um paraguaio. Acreditam que é pela língua, pela cultura, pela fisionomia, por ser acolhedor, por

ser sociável e pelo costume de tomar o tereré. Se analisarmos as respostas sobre essa questão de identidade nas duas localidades, a dimensão diatópica exerce um papel destacado nesse caso, pois obtiveram-se respostas muito semelhantes em que os informantes afirmaram, por exemplo, tanto em S F Gleba 8 quanto em Chapecó, que identificam um brasileiro por ser fanático pelo futebol, pela sua língua, cultura e tradição, e a mesma situação ocorreu quando falaram que identificam um paraguaio pela sua língua, mais especificamente pela língua guarani, cultura e costume de tomar o tereré.

A última questão sobre identificação de padrões identitários é sobre “quem preserva mais a língua e costumes, brasileiro ou paraguaio?”. Assim, a maioria dos informantes em S F Gleba 8 afirmaram que são os brasileiros que preservam mais a língua e costumes, como relatam alguns dos informantes CaGII e CbGII M:

[...] que por lo menos hablen nuestras lenguas también, o por lo menos una de nuestras lenguas, que hablen el español [...] es por el bien de ellos también, aprender otra lengua, pero no, no renuncian a su portugués, portugués, portugués, sus culturas, su “chimarrão” no deja para tras, aun que ya toman también su tereré un poquito, pero no deja de lado su “chimarrão”. E outro informante **CbGII M** também afirma “ellos [...] no hablan el castellano, ni el guaraní, nosotros tenemos que adaptarnos a ellos porque ellos no entienden nada de que nosotros hablamos”¹⁸.

A partir do relato, podemos perceber que os paraguaios que moram nessa região já conhecem o perfil desse brasileiro, ou seja, que são fanáticos pela sua língua e tradição, apesar de reconhecerem que é importante que eles aprendam também a língua espanhola e o guarani. Já em Chapecó foi perguntado se “os paraguaios conseguem manter vivo aqui sua língua e seus costumes?”, assim todos os informantes afirmativamente disseram que conseguem manter os costumes, como por exemplo, comidas típicas, tereré, músicas, danças e também a língua.

4.3 Papel da língua na constituição da identidade

Analisaremos agora a terceira parte do questionário que fala sobre o papel da língua na constituição da identidade. A primeira pergunta feita aos informantes sobre esse assunto é se

¹⁸**Trad.:** [...] que pelo menos falem as nossas línguas também, ou pelo menos uma das nossas línguas, que falem o espanhol [...] é para o bem deles, aprender outra língua, mas não, eles não desistem do seu português, português, português, suas culturas, o seu "chimarrão" não deixa para trás, apesar de já tomarem seu tereré um pouquinho, porém não deixam de lado o seu "chimarrão". Outro informante **CbGII M** também afirma [...] "eles não falam o espanhol, nem o guarani, nós temos que nos adaptar a eles porque eles não entendem nada do que falamos.

“acha importante que os filhos aprendem o português, o guarani e espanhol dos pais?”. Sendo assim, todos os informantes de S F Gleba 8 falaram afirmativamente que é importante os filhos aprenderem essas línguas, apesar de alguns informantes se comunicarem com seus familiares somente em português, sendo eles CaGI M e F, CbGI M e F como já relatado na primeira questão que foi analisada. Assim, apesar do português se sobressair como no caso mencionado anteriormente, todos reconhecem a importância de saber e aprender o espanhol e o guarani, como disse o informante CaGI M: “[...] eu não aprendi o guarani, mas quero que meus filhos aprendam”.

Em Chapecó, todos os informantes também afirmaram que é muito importante que os filhos aprendam essas três línguas, porém observamos que alguns informantes, principalmente da classe baixa (Cb), deram mais importância para o espanhol, por ser uma das línguas mais faladas do mundo, porque tem mais oportunidades, porque é internacional, etc, sendo assim, em nenhum momento eles falaram sobre os filhos aprenderem o guarani. Os informantes da classe alta (Ca), além de afirmarem que o espanhol também é importante, deram um pouco mais de importância para o idioma guarani, por ser uma transferência de cultura, de origem, etc. Como afirma o informante CaGI M, “Es importante porque de toda forma le va ayudar acá, como allá. Acá tiene que aprender el portugués como también el español [...] y allá va usar el guaraní”. Desse modo, percebe-se que a Ca valorizou as três línguas, português, espanhol e o guarani, diferente da Cb que valorizou mais o português e o espanhol para serem ensinados aos filhos.

Quando perguntamos “qual é a língua mais falada em Gleba 8?”, segundo a visão de todos os informantes, a língua mais falada em S F Gleba 8 é o português. Vemos aqui que a língua portuguesa acaba sendo a língua dominante, apesar de haver paraguaios natos vivendo no ponto de pesquisa. Aqui cabe uma reflexão sobre porque há tantos brasileiros que moram nesse território, sendo assim, de acordo com as pesquisas do professor Henrique da Silva (2015), o fluxo migratório de brasileiros para o Paraguai está ligado ao regime político do presidente Stroessner que ficou no comando por 35 anos. Dessa forma, Stroessner queria mudar a situação econômica do seu país, assim seu projeto era expandir e inovar novas áreas agricultáveis, visto que em áreas da região oriental se mostrava frutífera e para que isso acontecesse tinha a convicção de que sua relação com o Brasil poderia ser o ponto chave para a economia paraguaia (SILVA, 2015).

Stroessner, em diferentes ocasiões, manifestara publicamente seu interesse no ingresso de agricultores brasileiros nessa região, pois via, sobretudo nos colonos

eurodescendentes do Sul do Brasil, os protagonistas da modernização da agricultura paraguaia, cujo contato com os agricultores nacionais, assim entendia, induziria o espírito empreendedor (SILVA, 2015, p. 25).

Dessa forma, no início de 1970, começou um fluxo migratório para o oriente paraguaio, e juntamente com a modernização da agricultura, fez com que na época o Paraguai se tornasse o quinto maior exportador de soja no mundo (SILVA, 2015). Ainda segundo Silva:

Essa intensa migração para a região oriental, em especial para os departamentos de Itapua, Alto Paraná e Canindeyú, atraiu não somente colonos brasileiros do sul do país, mas também paulistas, mineiros e nordestinos, constituindo um mosaico de migrantes em condições econômicas e sociais muito diversificadas (SILVA, 2015, p. 30).

Sendo assim, isso explica a presença de brasileiros em território paraguaio, bem como a confirmação de alguns informantes ao falarem que tem descendência brasileira. Cabe ressaltar que São Francisco Gleba 8 é um distrito de São Alberto, que está localizado no estado de Alto Paraná, e conforme a citação acima, essa intensa imigração alcançou também as áreas rurais da região.

Retomando a questão 12, porém modificada para os informantes de Chapecó, a qual estabeleceu-se: “qual a língua mais falada dentro do lar?”. Mais uma vez o português prevalece, pois somente três informantes falaram que a língua mais falada dentro do lar é o espanhol ou guarani. Na classe baixa (Cb), somente o informante GI M falou que a língua mais falada dentro do seu lar é o guarani, pois mora com uma pessoa paraguaia. Os restantes (GI F, GII F e GII M) afirmaram que a língua mais falada é o português, visto que essas pessoas são casadas com pessoas brasileiras. Na classe alta (Ca), os informantes GII F e GI M afirmam que a língua mais falada é o espanhol e o guarani porque moram e convivem com pessoas que falam essas línguas, os outros dois informantes GII M e GI F afirmam ser o português, pelo mesmo motivo citado anteriormente, pois são casados com pessoas brasileiras.

Analisando a última questão da terceira parte do questionário foi perguntado aos informantes de S F Gleba 8 se “deveria ter ensino de português na escola, se sim, seria mais importante que ensino de guarani?”, dessa forma somente um informante da CaGII M falou que deveria ter ensino de língua portuguesa na escola, pois isso ajudaria os alunos a aperfeiçoarem ainda mais o idioma, visto que é uma língua que se aprende em casa, conforme já analisado anteriormente em alguns questões. Assim, é possível visualizar o relato no trecho da entrevista abaixo:

Entrevistadora: ¿Cree que debería haber enseñanza de portugués en la escuela? Si es así, sería más importante que la enseñanza de guaraní? ¿Por qué? **CaGII M (S F Gleba 8):** Más importante que guaraní, no. Pero, sería importante porque nosotros hablamos, nuestros chicos hablan, pero tal vez [...] profundizar un poco la grafema, las fonemas porque nosotros simplemente se habla. No se sabe, si está hablando bien o hablando mal, si sería un analfabeto funcional cuanto al portugués, escriben el portugués, ahora, si escribe bien, eso ya no se sabe. En ese caso sería importante ya que es una lengua que se usa acá sería importante que se enseñe, pero después del español y claro, que el guaraní¹⁹.

Conforme o depoimento acima, percebemos que o informante se preocupa com a escolarização dos indivíduos que falam o português nessa região, pois segundo ele, não há como saber se fazem o uso correto da escrita e também da fala. Os outros informantes acham que não deveria ter ensino de língua portuguesa na escola, pois o mais importante seria o ensino de guarani, por ser um idioma difícil de falar e escrever.

Em Chapecó perguntamos “deveria ter ensino de espanhol ou guarani na escola, se sim, seria mais importante que o ensino de português?”, sendo assim, todos os informantes deram mais importância para o espanhol, por ser uma língua muito conhecida e mais falada em sua maioria na América latina. Já quanto ao guarani, manifestaram ser um idioma muito difícil, não muito conhecido, pois somente é falado no Paraguai, por esses motivos não deveria ter ensino de língua guarani nas escolas. Mas o português ficou em primeiro lugar na escola.

4.4 Grau de bilinguismo dos informantes da sua comunidade e o reconhecimento da identidade.

Partiremos agora para próxima etapa do questionário que fala sobre o grau de bilinguismo, assim, vamos analisar qual é a língua que os informantes falam em diferentes ocasiões. A seguir é possível visualizar em duas tabelas as respostas dos informantes nas duas localidades.

Tabela 3 - Síntese das respostas dos informantes em S F Gleba 8.

¹⁹**Trad.: Entrevistadora:** Acha que deveria ter ensino de português na escola? Se sim, seria mais importante que o ensino de guarani? Por quê? **CaGII M (S F Gleba 8):** Mais importante que o guarani, não. Mas, seria importante porque nós falamos, nossos meninos falam, mas talvez [...] aprofundar um pouco o grafema, os fonemas porque simplesmente falamos. Não sabemos se ele está falando bem ou falando mal, talvez seja um analfabeto funcional quanto ao português, eles escrevem o português, agora, se escrevem bem, isso não sabemos. Nesse caso, seria importante já que é uma língua usada aqui seria importante ensinar, mas depois do espanhol e também o guarani

Que língua você fala nas seguintes ocasiões do seu município? S F Gleba 8

Português (●) - Espanhol (◐) - Guarani (◑) - Depende (○)

LOCAIS	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		
	M	F	M	F	M	F	M	F	
A-No correio	◐	◐	●	◐	A	◐	◐	◐	●
B-No mercado	◐	●	●	●	B	○	○	○	●
C-Nas lojas	◐	●	○	●	C	○	○	○	●
D-No sindicato	◐	◐	◐	◐	D	◐	◐	◐	●
E- No restaurante	◐	◐	●	●	E	◐	◐	●	●
F-Na prefeitura	◐	◐	◐	◐	F	◑	◑	◐	◐
G-No posto de saúde	◐	◑	◐	◐	G	◐	◐	◐	◐
H-Com o padre/pastor	◐	◐	●	●	H	◐	◐	◐	◐
I-Nas festas/bailes	●	◑	●	●	I	◑	◑	●	●
J-No confessionário	◐	◐	●	●	J	◐	◐	●	◐
k-No posto de gasolina	◐	●	○	◐	K	◑	◑	◐	●
L-No trabalho	◐	○	◑	◐	L	○	○	◐	●

Fonte: Dados da pesquisadora (2017).

Os dados da tabela 3 expressam em que língua cada informante fala nas ocasiões citadas. Percebemos que o português e o espanhol estão mais presentes, já o guarani quase não é falado, pois notamos que somente GII afirmou falar em algumas ocasiões, sendo elas, na prefeitura, bailes, posto de gasolina e posto de saúde. Outro aspecto analisado que na GII, em ambas as classes (Ca e Cb) o espanhol é mais falado na maioria das ocasiões e o português muito pouco. Já na GI acontece o contrário, os jovens falam mais o português em ocasiões como, mercado, lojas, restaurante, bailes, confessionário, etc. Assim, alguns informantes afirmaram que falar o espanhol, ou falar o português em certas ocasiões dependia muito do seu interlocutor, ou seja, com quem iria conversar. Por exemplo, se a outra pessoa se comunica em português adotam o português, ou se a outra pessoa se comunica em espanhol adotam o espanhol. Dessa forma, notamos que esses fatos acontecem em ocasiões como, mercado, lojas, posto de gasolina e no trabalho, pois há funcionários que falam ambas as línguas ou apenas o português. Para compreender melhor esse aspecto vejamos no trecho abaixo:

Entrevistadora: Mercado? **CaGII M (S F Gleba 8):** Ai recalcar un poquitito, en el mercado, por ejemplo, si yo me voy con mi español y pido un articulo, si no me entienden automaticamente tengo que adaptar al portugués, ai le traduzco al portugués porque no saben, porque los vendedores y frentistas son todos brasiguayos, ai no entienden mi lengua, entonces tengo que pedirle en portugués²⁰.

²⁰**Trad.:** **Entrevistadora:** Mercado? **CaGII M (SF Gleba 8):** Ai enfazizo um pouquinho, no mercado, por exemplo, se eu for com meu espanhol e peço um artigo, se não me entendem automaticamente tenho que adaptar ao português, aí eu traduzo para o português porque não sabem, pois os vendedores e frentistas são todos brasiguaios, eles não entendem a minha língua, então eu tenho que perguntar em português.

Com o relato do informante podemos perceber como a situação acontece, assim podemos destacar que, depende do interlocutor para definir que língua será usada e dessa forma, fluir uma comunicação. Cabe ressaltar aqui o que significa o termo “brasiguai” que o informante comentou no trecho acima, conforme descrito pelo professor:

No Paraguai, o termo “brasiguai” conceitua não apenas os migrantes que desde os anos 1970 se moveram para essa região, mas também seus filhos nascidos e criados no país. De certa forma, estabelecem uma distinção entre paraguaios falantes do guarani, que se julgam autênticos paraguaios, e os filhos de brasileiros eurodescendentes, que em grande medida se mantêm vinculados culturalmente e emocionalmente às coisas do Brasil (SILVA, 2015, p. 32).

Desse modo, percebemos que os brasileiros há muito tempo ocuparam terras paraguaias, assim o termo “brasiguai” é a união das palavras “brasileiro” e “paraguaio”, que descreve aqueles com descendência brasileira, mas nascidos no Paraguai, estabelecendo a distinção de paraguaios natos, pois como afirmou Silva (2015), eles têm um forte vínculo ao seu país de origem e a língua é uma delas. Vejamos agora a partir da tabela 4 os dados coletados em Chapecó.

Tabela 4 - Síntese das respostas em Chapecó.

Que língua você fala nas seguintes ocasiões do seu município? Chapecó

Português (●) - Espanhol (◐) - Guarani (◑) - Depende (○)

LOCAIS	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
A-No correio	A	◐	●	●	●	●	●	◐
B-No mercado	B	●	●	●	●	●	●	●
C-Nas lojas	C	●	●	●	●	●	●	●
D-No sindicato	D	●	●	●	●	●	●	●
E- No restaurante	E	●	●	●	●	●	●	●
F-Na prefeitura	F	●	●	●	●	●	●	●
G-No posto de saúde	G	●	●	●	●	●	●	●
H-Com o padre/pastor	H	●	●	●	●	●	●	○
I-Nas festas/bailes	I	●	◐◑	●	●	●	◐◑	●
J-No confessionário	J	●	●	●	●	●	●	◐
k-No posto de gasolina	K	●	●	●	●	●	●	●
L-No trabalho	L	●	◐	●	●	●	◐◑	○

Fonte: Dados da pesquisadora (2017).

De acordo com as das respostas registradas na tabela 4, a língua portuguesa é a mais falada em todas as ocasiões, já o espanhol aparece brevemente e são mais as mulheres quem utilizam em ocasiões como, no correio, nos bailes, no confessionário e trabalho. A informante

CaGII F usa somente o espanhol no trabalho porque é docente de língua espanhola, assim segundo seu relato, ela cumprimenta, se despede e conversa com colegas de trabalho apenas em espanhol. Já a informante CbGII F, afirmou que usa o português no trabalho, e em algumas situações o espanhol caso algum cliente se comunique nessa língua. A outra informante CbGII F disse que no trabalho depende da situação, mas não especificou nada sobre quais seriam essas situações.

Essa questão vai de encontro com as *funções* que Mackey (1972) aborda, isto é, em quais situações e contextos o bilíngue usa uma determinada língua, e com base nessa ideia foi possível identificar em qual ocasião específica o informante utiliza a língua. Notamos que em S F Gleba 8, aquele informante que é acostumado a falar o português em todos os lugares, utiliza-se de outra língua quando se encontra em um local formal, como por exemplo, banco ou prefeitura, dessa forma, acaba alternando sua língua para o espanhol.

De acordo com as respostas registradas nas duas localidades podemos ver que o guarani é a língua menos falada pelos informantes nas ocasiões apresentadas na pergunta. Podemos nos perguntar então, em que momento esses informantes falam a língua guarani, visto que a maioria fala em espanhol e português? Segundo os dados coletados em S F Gleba 8, os informantes da geração mais velha (GII) falam o guarani quando estão com a família e entre amigos, já a geração mais nova (GI) não fala o guarani em nenhuma situação porque não sabem. Para um exame mais detalhado dessa questão seria necessário um estudo mais aprofundado e específico, entretanto, devido ao reduzido tempo, não foi possível abranger esse tópico em particular no presente artigo, mas sugere-se o tema para o desenvolvimento de uma futura pesquisa.

Em Chapecó, percebemos que cada informante fala o guarani em situações bem diferentes um do outro, por exemplo, a informante CbGI F disse que fala o guarani para xingar o seu marido porque ele não entende nada da língua. Outra informante CaGII F falou que usa a língua guarani para ensinar seus alunos quando estão cansados e desmotivados, assim é uma forma de descontrair a turma aprendendo expressões em outra língua. É possível visualizar no relato abaixo:

CaGII M (Chapecó): El guaraní, yo muchas veces cuento a mis alumnos [...] le hablo a ellos en guaraní [...] y muchos recuerdan. Cuando me ven en la calle me hablan alguna cosa en guaraní, ellos me dicen ¿Como decimos tal cosa? Entonces ellos ya cuando me ven ya “Jaha ja karu?”²¹.Entonces es muy simpático [...] porque ay día en que ellos no están con ganas de hablar, de tener clases, entonces ay yo

²¹**Trad.:** “Jaha ja karu” é uma frase em guarani que significa “Vamos almoçar” em português.

digo, si ustedes hoy están cansados, entonces le voy a hablar en [...] guaraní, le cuento cosas, entonces ellos adoran eso²².

Outros informantes como, CbGII M e F, disseram que só falam o guarani quando viajam para o Paraguai. Outros informantes (CaGII M, CaGI M e CbGI M) falam o guarani com seus familiares e amigos, e somente a informante CaGI F não fala o guarani porque não sabe.

Na sequência, apresentamos a análise das questões 16, 17 e 18 do questionário a partir das tabelas 5, 6 e 7. Essas perguntas tem relação com os conceitos de Mackey (1972), principalmente com a concepção de *interferência* entre os códigos, ou seja, iremos saber a partir dos dados coletados se os informantes conseguem falar apenas uma língua dentre as quais têm domínio, ou se em algum momento eles combinam palavras de diferentes idiomas em uma determinada situação.

Tabela 5 – Sínteses das respostas nas duas localidades ao serem questionados “Quando você fala português, você mistura com o espanhol ou guarani? Se sim, o que mistura e por quê?”.

Quando você fala o português, você mistura com o espanhol ou guarani? Se sim, o que mistura e por quê?							
Sim: (●)				Não: (○)			
São Francisco Gleba 8				Chapecó			
CaGII		CaGI		CaGII		CaGI	
M	F	M	F	M	F	M	F
●	●	●	●	●	●	○	○
CbGII		CbGI		CbGII		CbGI	
M	F	M	F	M	F	M	F
●	●	●	○	●	●	●	●

Fonte: Dados da pesquisadora (2017).

Como é possível perceber na tabela 5, em relação à questão 16, na localidade de S F Gleba 8 uma informante (CbGI F) afirmou falar o português sem misturar com as outras línguas, neste caso o espanhol e o guarani. Os outros 7 informantes responderam que ao falar português misturam constantemente com o espanhol e dificilmente com o guarani, como descrevem os informantes no trecho abaixo:

²²**Trad.: CaGII M (Chapecó):** O guarani, eu muitas vezes falo com meus alunos [...] falo com eles em guarani [...] e muitos se lembram. Quando me veem na rua eles falam comigo em guarani, eles me dizem: Como dizemos tal coisa? Então eles quando me veem já "Jaha ja karu? Isso é muito simpático [...] porque no dia em que eles não estão dispostos a conversar, ter aulas, aí eu digo: se vocês estão cansados hoje, então eu vou falar [...] em guarani, conto coisas, então eles adoram isso.

Entrevistadora: Quando você fala português, você mistura com o espanhol ou guarani? Se sim, o que mistura e por quê? **CaGI F:** [...] Às vezes eu misturo, assim por exemplo, eu sei que no Brasil se fala cor e aqui é “color” né, e eu às vezes, em vez de eu falar cor, falo color. Então é coisa assim que é a gente mistura [...].

Em Chapecó, os informantes que não misturam nenhuma das línguas são CaGI M e F. Entretanto, os outros 5 informantes responderam que misturam o português com o espanhol e dificilmente acontece com o guarani. Como descrevem nos trechos abaixo:

Entrevistadora: Quando você fala português, você mistura com o espanhol ou guarani? Se sim, o que mistura e por quê? **CaGII M:** Mescla más el español con portugués [...].
CbGI F: Mais espanhol com português, o guarani já é difícil [...].

Percebe-se que em ambas as localidades não há muitas diferenças, pois ao falarem o português não misturam com o guarani. Vejamos agora a questão 17 na tabela 6.

Tabela 6 - Sínteses das respostas nas duas localidades ao serem questionados “Quando você fala espanhol, você mistura com o português ou guarani? Se sim, o que mistura e por quê?”.

Quando você fala o espanhol, você mistura com o português ou guarani? Se sim, o que mistura e por quê?							
Sim: (●)				Não: (○)			
São Francisco Gleba 8				Chapecó			
CaGII		CaGI		CaGII		CaGI	
M	F	M	F	M	F	M	F
●	●	●	●	●	●	●	●
CbGII		CbGI		CbGII		CbGI	
M	F	M	F	M	F	M	F
●	●	●	●	●	○	●	●

Fonte: Dados da pesquisadora (2017).

Em S F Gleba 8 todos os informantes responderam que ao falar o espanhol misturam mais com o português e dificilmente com o guarani. Vejamos melhor no trecho abaixo:

Entrevistadora: Quando fala espanhol, você mistura o português ou guarani? Se sim, o que mistura e por quê? **CbGI M:** Com o guarani não, mas o português algumas coisas. **CaGII M:** En algunas ocasiones mesclo más con el portugués que el guaraní. Sí, porque en nuestro cotidiano, nos acostumbramos hablar mucho más el portugués que guaraní porque nuestros chichos son todos brasileños, entonces al salir del español, automáticamente salimos para entrar al portugués, entonces por

eso mezclamos, del español al portugués y del portugués al español [...] el guaraní de nuestra parte en ese aspecto queda como tercer lengua, muy poco se utiliza²³.

Pelo relato do informante CaGII M percebe-se que o português é a língua mais falada em comparação com o guarani. Dessa forma, pode-se considerar o guarani como terceira língua utilizada e o português como segundo idioma mais visto no campo da presente pesquisa.

Em Chapecó, a informante CbGII F afirmou que consegue falar somente o espanhol sem misturar com outra línguas. Os outros 4 informantes, sendo eles CaGII F, CaGI F, CbGII M e CbGI F, responderam que misturam com o português ao falarem o espanhol, já os outros três informantes, sendo eles, CaGII M, CaGI M e CbGI M, afirmaram que misturam o espanhol com o guarani, e dificilmente com o português. Dessa forma, no que se refere à dimensão diasssexual, percebe-se os homens misturam o guarani e as mulheres misturam o português ao falarem em espanhol. Vejamos com os relatos de alguns informantes:

Entrevistadora: Quando fala espanhol, você mistura o português ou guarani? Se sim, o que mistura e por quê?
CaGI F: Sim, às vezes tem verbos que eu não sei conjugar direito, aí eu falo em português.

CaGI M: Portugués no entra. Guaraní con español²⁴.

Agora analisaremos a última questão na tabela 7 e os seus resultados.

Tabela 7 - Sínteses das respostas nas duas localidades ao serem questionados “Quando você fala guarani, você mistura com o português ou espanhol? Se sim, o que mistura e por quê?”.

Quando você fala o guarani, você mistura com o português ou espanhol? Se sim, o que mistura e por quê?							
Sim: (●)		Não: (○)		Sem resposta: (I)			
São Francisco Gleba 8			Chapecó				
CaGII		CaGI		CaGII		CaGI	
M	F	M	F	M	F	M	F
●	●	I	I	●	●	●	I
CbGII		CbGI		CbGII		CbGI	
M	F	M	F	M	F	M	F
●	●	I	I	●	●	●	○

²³**Trad.:** **CaGII M:** Em algumas ocasiões misturo mais com o português do que com o guarani. Sim, porque no nosso dia a dia acostumamos falar muito mais o português do que o guarani porque nossos meninos são todos brasileiros, então quando saímos do espanhol, saímos automaticamente para entrar no português, por isso misturamos, do espanhol para o português e do português para o espanhol [...] o guarani da nossa parte nesse aspecto fica como uma terceira língua, muito pouco usado.

²⁴ Português não entra. Guarani com espanhol.

Fonte: Dados da pesquisadora (2017).

Em S F Gleba 8, a geração mais velha (GII) ao falar em guarani mistura com o espanhol, já a geração mais jovem (GI) não mistura porque simplesmente eles não falam o guarani. Um dos informantes explicou um aspecto interessante sobre o porquê dessa mudança para o espanhol quando as pessoas falam em guarani. Vejamos no trecho abaixo:

Entrevistadora: ¿Cuándo habla el guaraní, usted mezcla el portugués o español? Si es así, qué mezcla y por qué? **CaGII M:** Para comenzar, nosotros ya hablamos el guaraní mezclado con el español. Entonces [...] no mezclamos con el portugués. [...] usamos el “Jopara”, le llamamos, entonces hay palabras en guaraní que, en español no existe en guaraní. Usamos como le llamamos préstamo, préstamo del idioma, entonces como si el español le prestase ese nombre en guaraní porque no existe ese nombre en guaraní, al no existir automáticamente mezclamos y eso es lo que usamos²⁵.

Analisando o relato do informante, “Jopara” é o um termo utilizado quando se mistura espanhol com o guarani. Assim, cabe comentar, que em novembro de 2017 na cidade de Assunção, capital do Paraguai, através das redes midiáticas aconteceu um encontro chamado “II Feira de Lenguas em Paraguay”, em que o alemão Guido Kallfell (2016) apresentou seu livro intitulado “Cómo hablan los paraguayos con dos lenguas? Gramática Del jopara” que explica os aspectos desse fenômeno linguístico que sucede em grande parte com os falantes paraguaios²⁶. Assim, de acordo com Kallfell (2016):

[...] el *jopara* de ninguna manera está diatópicamente limitado a determinadas regiones, sino que es corriente en todo el Paraguay dentro de los ámbitos ya descritos. El ambivalente guaraní, por una parte medio de expresión de orgullo e identidad y, por otra, una variedad con poco prestigio, tiene una importancia totalmente distinta a las lenguas mundiales portugués y español (KALLFELL, 2016, p. 43)²⁷.

Dessa forma, ojopara está presente em qualquer lugar do Paraguai, ou seja, paraguaios que falam as duas variedades linguísticas. Outro ponto relevante notado nas entrevistas é que

²⁵**Trad.: Entrevistadora:** Quando fala o guarani, você mistura o português ou espanhol? Se sim, o que mistura e por quê? **CaGII M:** Para começar, já falamos o guarani misturado com o espanhol. Então [...] não misturamos com o português. [...] usamos o “Jopara”, assim o chamamos, então há palavras em guarani que, em espanhol não existe em guarani. E isso se chama empréstimo, empréstimo do idioma, então como se o espanhol emprestasse esse nome em guarani porque não existe esse nome em guarani, ao não existir automaticamente misturamos e isso é o que usamos.

²⁶ Fonte: <https://www.efe.com/efe/cono-sur/cultura/un-libro-presentado-en-asuncion-ubica-al-jopara-como-el-guarani-paraguayo/50000756-3427102>. Acesso em: fevereiro de 2018.

²⁷**Trad.:** O Jopara não é de modo algum limitado diatópicamente a determinadas regiões, mas é comum em todo o Paraguai dentro das áreas já descritas. O ambivalente guarani, por uma parte médio de expressão de orgulho e identidade e, por outro, uma variedade com pouco prestígio, tem uma importância totalmente diferente para as línguas do mundo português e espanhol.

a pessoa que não sabe guarani não é considerado(a) um paraguaio(a), visto que Kallfell (2016) afirma que o guarani é motivo de orgulho e identidade para aqueles que sabem a língua.

Em Chapecó, uma única informante (CbGI F) respondeu que não mistura o guarani com outras línguas. Já a informante CbGII F falou que mistura com o português porque às vezes ela não sabe como seria em guarani e também pelo fato de não praticar muito a língua. Somente a informante CaGI F não aprendeu e não sabe o guarani. Os outros informantes, sendo eles, CbGII M, CbGI M, CaGII M, CaGII F e CaGI M, responderam que quando falam o guarani misturam com o espanhol. Pode-se verificar esse relato no trecho abaixo:

Entrevistadora: ¿Cuándo habla el guaraní, usted mezcla el portugués o español? Si es así, qué mezcla y por qué? **CaGI M:** [...] el portugués no tiene nada que ver con el guaraní y difícil para mezclar [...], por ejemplo “Ogota escuela’pe?”, “escuela” es español y yo estoy hablando guaraní, y [...] “Mbo’ehao” es escuela en guaraní, ay no hablo todo en guaraní, hablo misturado, el español con el guaraní²⁸.

Fazendo uma análise das duas localidades em relação à mistura de línguas, dificilmente os informantes alegaram falar o guarani e misturar com o português, pois essa mistura é mais frequente com a língua espanhola.

4.5 Leitura do texto “O casamento”

No que concerne à leitura do texto “O casamento”, nem todos os informantes conseguiram ler nas três línguas, alguns tentaram, porém não conseguiram. Verifiquemos na tabela abaixo os resultados nas duas localidades.

Tabela 8 - Síntese dos resultados da leitura do texto “O casamento” em S F Gleba e Chapecó.

²⁸**Trad.: Entrevistadora:** Quando fala o guarani, você mistura o português ou espanhol? Se sim, o que mistura e por quê? **CaGI M:** [...] o português não tem nada a ver com o guarani e é difícil para misturar [...], por exemplo "Ogota escuela'pe?", "escuela" é espanhol e eu estou falando o guarani e [...] "Mbo'ehao" é escola em guarani, ai não falo tudo em guarani, falo misturando, o espanhol com o guarani.

Leitura nas três línguas do texto "O casamento" em S F Gleba 8 e Chapecó

S F Gleba 8	Leu (●)		Desistiu (◐)		Não leu (○)			
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
Português	●	●	○	●	●	●	●	●
Espanhol	●	●	○	●	●	●	●	●
Guarani	●	○	○	◐	○	○	○	●

Chapecó	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
	Português	●	●	●	●	●	●	●
Espanhol	●	●	●	●	●	●	●	●
Guarani	●	◐	●	○	◐	◐	◐	◐

Fonte: Dados da pesquisadora (2017).

Dentre os representantes de S F Gleba 8, apenas um informante (CaGI M) se recusou a ler o texto nas três línguas, todos os demais conseguiram ler em português e espanhol sem apresentar dificuldades. Para a leitura do texto em guarani, ao pegarem a folha para ler, alguns informantes já afirmavam que não sabiam ler nessa língua, pelo fato de ser muito difícil, sendo eles, CaGII F, CbGII M e F, CbGI M. É válido ressaltar que, desses quatro informantes que não souberam ler, três falam guarani com seus familiares, sendo: CaGII F e CbGII M e F. Dessa forma, essa situação vai de encontro com os aspectos que Mackey (1972) aborda, neste caso, percebemos que o grau de proficiência desses informantes é usar a língua guarani apenas para comunicação oral, visto que o seu domínio para a leitura é limitado, assim “O domínio do bilíngue pode não ser o mesmo em todos os níveis linguísticos” (Wolschick, 2016, p. 34).

A informante CaGI F desistiu de ler em guarani porque achou muito difícil e também por não conseguir pronunciar algumas palavras, já a informante CbGI F realizou a leitura como um todo, apesar de demonstrar dificuldades. Aqui também destacamos que as duas informantes afirmaram em perguntas anteriores que não falam o guarani em nenhuma situação, pois não sabem falar, porém, a partir do teste de leitura elas apresentaram um certo grau de proficiência na língua guarani. Com isto, nota-se que o nível de habilidade está relacionado com a dimensão de quão bilíngue uma pessoa pode ser, isto é, se ela só entende a língua, ou só lê na segunda língua, ou só fala e também escreve nessa língua. A partir desse aspecto podemos ver que a habilidade (ler, falar, ouvir e escrever) não é de forma equivalente

para todos os bilíngues, como vimos tabela 8, alguns informantes sabem ler em guarani, porém não falam a língua, outros falam a língua, mas não sabem ler.

Dentre os representantes de Chapecó, todos conseguiram ler em português e espanhol sem apresentar dificuldades. Porém no texto em guarani, no início da leitura 6 informantes já desistiam e comentavam que o texto continha palavras que não conheciam, que era difícil e complicado. Essa situação também representa os aspectos que Mackey (1972) fala sobre grau de proficiência, assim, como exposto anteriormente na questão 18, percebemos que todos, de alguma forma, falam o guarani apesar de misturarem com o espanhol. Desse modo, ao testarmos sua habilidade leitora, os informantes apresentaram um nível razoável em relação à esta competência, apesar de terem lido muito pouco o texto. Como já mencionado no artigo, Macnamara (1967, *apud* WOLSCHICK, 2016) defende a ideia que um bilíngue é aquele que possui competência mínima em uma das quatro habilidades, assim, os informantes apresentaram uma competência mínima na leitura. Os outros dois informantes CaGII M e GI M conseguiram ler o texto com muita prontidão.

Relacionando a dimensão diatópica em relação às leituras dos informantes vemos que houve pontos de convergência e divergência. O ponto em comum nas duas localidades foi que as maiorias dos informantes conseguiram ler o texto em português e espanhol sem mostrar dificuldades de entender no momento da leitura. Dessa maneira, 100% dos informantes em Chapecó leram em português e espanhol, já em S F Gleba 8, 87,5% dos informantes leram.

O ponto de divergência foi na leitura em guarani, sendo que pouquíssimos informantes conseguiram ler o texto na íntegra, por exemplo, em S F Gleba 8, somente dois informantes leram o texto do começo ao final, o que corresponde a 25%. O percentual de 12,5% corresponde à informante que tentou ler e desistiu, já os informantes que não souberam ler equivale a 62,5%. De uma forma geral, isso quer dizer que a maioria dos entrevistados não souberam ler em guarani. Agora vejamos em Chapecó, 25% corresponde aos informantes que leram o texto, o mesmo resultado aconteceu em S F Gleba 8, os informantes que desistiram de ler o texto equivale a 62,5%, e o percentual de 12,5% corresponde aos que não souberam ler em guarani.

Com base nas estatísticas apresentadas na pesquisa, percebemos que em Chapecó 62,5% tentaram ler o texto em guarani e isso mostra um grau de proficiência na língua, já em S F Gleba 8, apenas 12,5% tentou ler. Para concluir, percebemos que em Chapecó, os informantes têm maior domínio sobre a leitura em guarani em comparação com a localidade de S F Gleba 8.

5 Considerações finais

Diante dos fatos apresentados nesta pesquisa, buscou-se, através dos dados coletados e leituras realizadas, descrever o bilinguismo português/espanhol/guarani nas localidades de São Francisco Gleba 8 e Chapecó. Desse modo, após desenvolver as etapas que fazem parte do desenvolvimento deste trabalho, iremos apresentar as conclusões e objetivos alçados a partir das análises feitas.

No primeiro objetivo específico, descrevemos e analisamos a fala dos informantes em ambas as localidades. A hipótese era de que, tanto os paraguaios quanto os chapecoenses falassem mais o português e menos o espanhol e o guarani. Sendo assim, em algumas questões que tratavam especificamente sobre língua, o português ficou em evidência, por exemplo, nas questões, 1, 3, 4, 12 e 14, a maioria das respostas mostrou ser o português a língua mais falada, ficando o espanhol em segundo lugar e o guarani em último. Dessa maneira, confirmamos nossa hipótese que a língua portuguesa é muito mais falada em relação às demais línguas, tanto em S F Gleba 8 quanto em Chapecó.

Em relação ao segundo objetivo específico, analisamos, a partir da dimensão diastrática, quem usa a variedade linguística não oficial do país. A hipótese era que a classe alta usasse mais a variedade não oficial do país, no geral em S F Gleba 8 não foi possível perceber muita diferença, pois tantos os jovens quanto os mais velhos fazem o uso da língua não oficial do país, que neste caso seria o português. Em Chapecó também não notamos muitas diferenças, desse modo, não é confirmada nossa hipótese de que a Ca (classe alta) é a que mais utiliza a língua não oficial.

No terceiro objetivo específico, examinamos a dimensão diassexual para saber se são os homens ou as mulheres quem mais usam a variedade oficial. A hipótese era que os homens utilizassem mais a variedade oficial, assim, a partir da análise, constatamos que realmente são os homens que mais falam o espanhol ou guarani como variedade oficial, como por exemplo, em S F Gleba 8, quando responderam quais as línguas falam em determinadas ocasiões, os homens foram os que mais falam espanhol, dessa forma, é comprovada nossa hipótese.

No quarto objetivo específico, descrevemos qual grupo de informantes utiliza mais a variedade não oficial do país, se a GII ou a GI. A hipótese é que os jovens falariam mais a variedade não oficial, e conforme os dados obtidos constatamos que a GI utiliza mais a língua não oficial. Por exemplo, em S f Gleba 8, todos da geração I (GI) preferem falar o português,

sabendo que no Paraguai não é a língua oficial do país, dessa maneira confirmamos nossa hipótese de que os jovens preferem usar essa variedade.

No quinto objetivo, analisamos o domínio linguístico de cada grupo de informantes a partir de um pequeno texto nas três línguas, assim, com base na nossa hipótese, a maioria dos informantes não conseguiu ler em guarani, ao contrário das leituras feitas em português e espanhol que aconteceram de maneira compreensível. Dos 16 informantes entrevistados, 93,75% leram em português e espanhol, 25% leram em guarani na íntegra, 37,5% não leram guarani e 37,5% desistiram de ler em guarani.

O presente artigo visou estudar os conceitos do bilinguismo e como este se apresenta em duas localidades distintas, no entanto, espera-se que esta pesquisa venha a contribuir de uma forma geral e efetiva, somando conhecimento aos trabalhos já existentes sobre o bilinguismo no âmbito acadêmico.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. Percursos metodológicos. *In* _____. **Geolinguística. Tradição e modernidade**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 45-106.

KALLFELL, Guido. Reflexiones teóricas básicas sobre la esencia del jopara. *In*: _____. **¿Cómo hablan los paraguayos, con dos lenguas? Gramática del jopara**. [S.l.: s.n.], 2016. cap. 3. Disponível em: <http://etnolingüística.wdfiles.com/local--files/biblio%3Akallfell-2016-jopara/Kallfell_2016_Jopara.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2018

MACKEY, William, F. **The description of bilingualism**. *In*: _____. **Leading in the sociology of language**. 3ª ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584.

McCLEARY, Leland. **Sociolinguística**. UFSC, 2007.

MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cleo, V; RASO, Tommaso. Os contatos linguísticos e o Brasil: Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. *In*: _____. MELLO, Heliana. ALTENHOFEN, Cléo. RASO, Tommaso (Org). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 13-56.

MICHAELIS: **Dicionário prático da língua portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

MOZZAILLO, Isabella. **O code-switching: Fenômeno inerente ao falante bilíngue**. [S.l.: s.n.], 2009. p. 185-200.

SILVA, Henrique de. Os brasileiros em território paraguaio: atuação nas fronteiras geográficas próximas. *In*: _____. VALENTINI, D. J, MURARO, V.F (Org.). **Colonização conflitos e**

convivências nas fronteiras do Brasil, da Argentina e do Paraguai. Porto Alegre: Letras&Vida, 2015. p. 23-39.

THUN, H. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidéanos en Rivera. (Org.) In: _____. **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie.** 1ed. Kiel: Westensee-Verl, 1996, v. , p. 210-269.

_____. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds.). **Language mapping.** Berlin: de GruyterMouton, 2010. p. 506-523.

WOLSCHICK, Isaura. **Aspectos do bilinguismo alemão-português nas comunidades de Mondai e São João do Oeste-SC.** 2016. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) -Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, 2016.

APÊNDICE A - QUESTÕES SOBRE O BILINGUISMO

I Questões de identidade e crenças linguísticas

1. Que línguas costuma falar na família? (Quantas vezes? Quando? Com quem?) (Krug, 2004, Steffen 2007)
 - a) Voce tem descendencia brasileira ou é paraguaio?
 - b) Quem veio do Brasil? (*)?
 - c) (*) De onde/que parte do Brasil?
 - d) Como se sente, mais brasileiro ou mais paraguaio?
2. Tem diferença entre o português do Brasil e o daqui? (lembrar do espanhol e do guarani) Qual é a diferença? (Vide Krug 2004). – Para São Francisco Gleba 8.
Tem diferença entre o português do Paraguai e do daqui? (lembrar do espanhol e do guarani) Qual é a diferença? (Vide Krug 2004). – Para Chapecó.
3. Em que língua gosta de conversar mais? Português, espanhol ou guarani.
4. De modo geral, costuma falar mais a língua portuguesa, espanhola ou guarani?
5. O que acha das pessoas que só falam português e nunca o espanhol ou guarani?
6. Se a seleção brasileira de futebol jogar contra a paraguaia, para quem você torce?
7. Como aprendeu o português (espanhol ou guarani? (Lembretes: escola, quartel, contato, trabalho...))

II Identificação de padrões identitários (variação e intensidade da identidade)

8. O que identifica o brasileiro típico daqui.
9. E o paraguaio?
10. De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem brasileira ou paraguaia? – Para São Francisco Gleba 8.
De maneira geral, os paraguaios conseguem manter vivo aqui sua língua e seus costumes? – Para Chepecó.

III Papel da língua na constituição da identidade (relação da língua com outros ícones da cultura)

11. Acha importante que os filhos aprendam português guarani e espanhol dos pais? Por quê? (Vide Krug 2004)
12. Qual é a língua mais falada em Gleba 8? – Para São Francisco Gleba 8.
Qual a língua mais falada dentro do lar? – Para Chepecó.
13. Acha que deveria ter ensino de português na escola? Se sim, seria mais importante que o ensino de guarani? Por quê? (Vide Krug 2004). – Para São Francisco Gleba 8.
Acha que deveria ter ensino de espanhol ou do guarani na escola? Se sim, seria mais importante que o ensino de português? Por quê? (Vide Krug 2004). – Para Chapecó

IV Grau de bilinguismo dos informantes da sua comunidade e o reconhecimento da identidade.

14. Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (português, espanhol, guarani) (Vide Schmidt 1997)
A)-No correio, B)-No mercado, C)-Nas lojas, D)-No sindicato, E)-No restaurante, F)-Na prefeitura, G)-No posto de saúde, H)-Com o padre/pastor, I)-Nas festas e nos bailes, J)-No confessionário, K)-No posto de gasolina, L)-No trabalho.
15. Em que situações você fala a língua guarani?
16. Quando fala português, você mistura com o espanhol ou guarani? Se sim, o que você mistura e por quê?
17. Quando fala espanhol, você mistura o português ou guarani? Se sim, o que mistura e por quê?
18. Quando fala o guarani, você mistura o português ou espanhol? Se sim, o que mistura e por quê?

V Leitura do texto “O casamento” (Parte em português e em guarani)

O casamento

Três meses antes do casamento, decidiram fazer uma reunião com as famílias, para resolverem as coisas. Estavam presentes os noivos, os consogros, a cunhada e o cunhado de Clara, e também a avó e o avô dela, que fizeram questão de estarem presente, pois adoravam os netos e a neta era tudo para eles. Estavam muito felizes pelo novo neto que estavam ganhando. Todos queriam uma grande festa de casamento, principalmente seu Domingos e dona Maria de Fátima, pais de Clara, que estavam casando sua única filha. Queriam reunir todos os parentes, do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e os amigos. Resolveram que o casamento seria na igreja da comunidade onde vive Clara e sua família. A festa será na bonita propriedade de seu Domingos, na qual tem um grande parreiral, com uma pequena vinícola no porão da casa e uma vista para o campo onde o gado fica. O cunhado de Clara deu a ideia da comemoração ser ao ar livre e claro que a cunhada gostou. Então depois do local estar decidido, começaram a fazer a lista dos convidados, tarefa difícil, pois não podiam esquecer de ninguém e as duas famílias eram grandes. Então iniciaram, pelos tios, os avós, as primas, os primos, os padrinhos.

Menda

Mbohapy jasy ara mboyve pe ñemenda hagêa oñemoĩ hikuai atype hogayguakuera ndive omoĩ porã hagüa heta mba'e. Oĩ upepe menarã, kunãkarairã, isy, avei, rembirekorãru há isy. Clara robaja, ijaryi, tamói oñemoĩ avei atype, há'ekuera ohaihu'eterei hemiarirõ kuera. Ha oby'aiterei hikuai hemiarirõ pyahu oguahêtava hina, há'rekuera oipota tuichaitereiva vy'arã. Ombyaty paitése umi ipehenguekuera oiva Rio Grande pe, Santa Catarina pe, Paraná pe há oivéva angirũ kuera. Oñemoĩ hikuai peteĩ ne'eme, oikota ñemenda, pe tupao oiva tava oikohape Clara ha ñanamakuera. Upe vy'a oikota pe vyv yporãmbajepea karai Domingo mba'evape, oĩ hape heta yvapuru'chu'a, avei oĩ upe hoga koty'vyguype kaguy apoha, ha upegui jahecha pe ñu porãvavaka rekoha. Clara robaja ome'ẽ ipy'a mongueta, pe vy'aguasu oiko hagüa okarape, ha ovy'aiterei la hobaja. Ha upeicha oguahẽ hikuai peteĩ ne'eme há oñepyrũ ohai kuatiare mabana outa ñemendahape, nohi'aĩ hesarai avave ipehenguekuera, tuicha hina upe anóma. Oñepyrũ hikuai umituvy kuera, ta mói, tatyra'y kuera, tatyra'ykuera ha ipaino kuera.

ASPECTOS DEL BILINGÜISMO PORTUGUÉS-ESPAÑOL-GUARANI EN LAS COMUNIDADES DE CHAPECÓ (SC) Y SAN FRANCISCO GLEBA 8 EN PARAGUAY.

Resumen

Este artículo tiene como principal objetivo describir los aspectos del bilingüismo entre el portugués, español y guaraní en las localidades de Chapecó-Santa Catarina y en el distrito de San Francisco Gleba 8 en Paraguay. Para recopilar los datos y análisis de los resultados se utilizó la teoría y metodología de la dialectología pluridimensional y relacional de Thun (1996; 2010). En este sentido, la razón de la elección de los puntos de investigación aconteció por el interés en estudiar de cómo el portugués, español y guaraní se relacionan estas comunidades con sus respectivos idiomas oficiales. La muestra de la encuesta fue compuesta por ocho entrevistados de cada localidad, totalizando dieciséis informantes en total. Entre ellos, dos informantes poseían más de 55 años con escolaridad de nivel superior; otros dos con más de 55 años con escolaridad hasta la enseñanza media. Se entrevistaron dos informantes con edad entre 18 y 36 años con nivel superior y otros dos en esa misma edad con hasta enseñanza media completa. Es importante resaltar que cada pareja entrevistada fue compuesta por un hombre y una mujer. Para la elección de los entrevistados fueron utilizados dos requisitos: que fuera personas paraguayas y que utilizara los tres idiomas (portugués, español y guaraní). Para recopilar los datos de la investigación se aplicó un cuestionario pluridimensional y la lectura de un texto en las tres lenguas. Los resultados muestran que los bilingües utilizan más el portugués-español, dejando el guaraní como tercera lengua. Con estas informaciones se pretendió investigar más de cerca como el bilingüismo se presenta en esas regiones y cuáles son los posibles contextos, es decir, con qué función los informantes utilizan esas tres lenguas.

Palabras Clave: Bilingüismo. Lenguas en contacto. Dialectología Pluridimensional y Relacional.